

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS
DE ENSINO**

VALÉRIA CRISTINA DE CASTRO DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME
DE DOWN NO ENSINO REGULAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE
ENSINO – UAB/UTFPR

MEDIANEIRA

2020

VALÉRIA CRISTINA DE CASTRO DE OLIVEIRA



**A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME
DE DOWN NO ENSINO REGULAR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Ms. Cidmar Ortiz dos Santos.

MEDIANEIRA

2020



TERMO DE APROVAÇÃO

A Importância da Inclusão das Crianças
Com Síndrome de Down no Ensino Regular

Por

Valéria Cristina de Castro de Oliveira

Esta monografia foi apresentada às 19h15m do dia 02 de outubro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Goioerê - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientador

Profa. Dra. Maria Fatima Menegazzo Nicodem UTFPR – Câmpus Medianeira Membro
da Banca

Prof^o. Me. Adriano Hidalgo Fernandes
Tutor Polo de Goioerê / UTFPR
Membro da Banca

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esse trabalho a todos os profissionais da área da Educação Especial e a todos os alunos especiais que fazem toda a diferença no mundo, mostrando o que é amor de verdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de poder concretizar uma Pós Graduação na UTFPR, uma Universidade tão respeitada e estimada em nosso Brasil.

Agradeço a toda minha querida família que sempre me apoiaram em minhas decisões.

Ao meu orientador Prof^o Me Cidmar Ortiz dos Santos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, por não medir esforços para poder me orientar.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço ao tutor presencial Prof^o Me Adriano Hidalgo Fernandes, e a todos tutores á distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Admito que o deficiente seja vítima do destino, mas não posso admitir que seja vítima da nossa indiferença.” (John Kennedy).

RESUMO

OLIVEIRA, Valéria Cristina de Castro de. **A Importância da Inclusão da Criança com Síndrome de Down no Ensino Regular**. 2020. 42 folhas. Monografia (Especialização Em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

O presente trabalho teve como temática conhecer as dificuldades que enfrentam as crianças com Síndrome de Down incluídas no Ensino Regular, além do interesse a respeito do tema. Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se Revisão Bibliográfica sobre alguns autores como: Chaves (2003), Voivodic (2008), Cruz (2007), Movimento Down (2012), entre outros; Pesquisa de Campo através de questionários aplicados aos pais dos alunos com Síndrome de Down incluídos no Ensino Regular de uma escola pública, particular e da APAE, professores dos alunos incluídos, professores de uma Escola (APAE), e observação em sala de aula. Espera-se com este trabalho contribuir pelo melhor preparo dos professores que recebem essas crianças no Ensino Regular, pois ficaram clara as dificuldades encontradas pelos professores no decorrer das observações e análise dos questionários, assim sendo, necessário maior investimento das instituições na preparação dos mesmos para lecionar para as crianças com Síndrome de Down.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Inclusão; Dificuldades, Ensino Regular.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Valéria Cristina de Castro de Oliveira. **The Importance of Inclusion of Children with Down Syndrome in Regular Education**. 2020. 42 folhas. Monografia (Especialização Em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

The present work had as its theme to know the difficulties faced by children with Down Syndrome included in Regular Education, in addition to the interest on the theme. For the development of the work, a Bibliographical Review was used about some authors, such as: Chaves (2003), Voivodic (2008), Cruz (2007), Movimento Down (2012), among others; Field Research through questionnaires applied to parents of students with Down Syndrome included in Regular Education of a public, private and APAE school, teachers of the included students, teachers of the School (APAE), and classroom observation. This work is expected to contribute to the better preparation of teachers who receive these children in regular education, as the difficulties encountered by teachers during the observations and analysis of the questionnaires are clear, thus, greater investment by institutions in preparing them for teach children with Down Syndrome

Keywords: Down syndrome; Inclusion; Difficulties, Regular Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Em que momento você percebeu que seu filho tinha Síndrome de Down?

Gráfico 2 - Qual sua reação no momento em que descobriu que seu(a) filho(a) seria especial?

Gráfico 3 - Em seu entendimento qual é o maior desafio como mãe em lidar com um filho com Síndrome de Down?

Gráfico 4 - A estimulação precoce é uma ação importante ao desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down?

Gráfico 5 - Seu filho participou de um programa de estimulação, e isto colaborou ao seu desenvolvimento?

Gráfico 6 - Qual é a característica que mais chama sua atenção em seu filho com Síndrome de Down ?

Gráfico 7 - A escola em que seu filho estuda aceitou de imediato a matrícula ou você teve que recorrer em alguma instância para ele ser matriculado?

Gráfico 8 - A escola em que seu filho estuda tem professores preparados para receber um aluno com necessidades educacional especial?

Gráfico 9 - Você acha que a escola inclusiva tem trazido benefícios para o aluno com necessidades especial, e de modo particular para seu filho?

Gráfico 10 - Qual o maior desafio encontrado na relação entre o professor e o aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 11 - Qual o atributo mais observado em seu aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 12 - Sabemos que em questão do afeto, nas pessoas com Síndrome de Down ele é bem acentuado. Qual o momento em que esse afeto excessivo contribui ou atrapalha no seu dia a dia?

Gráfico 13 - Existe algum trabalho de orientação com relação aos alunos que participam de suas atividades com os alunos com Síndrome de Down?

Gráfico 14 - Como é a integração dos alunos que estão partilhando a sala com alunos com Síndrome de Down?

Gráfico 15 - Você acha que o aluno especial de alguma forma interfere ou atrapalha no andamento da aula?

Gráfico 16 - Já houve alguma crítica por parte dos pais dos demais alunos com a presença dos alunos especiais na escola inclusiva?

Gráfico 17 - Qual o maior desafio encontrado na relação entre o professor e o aluno com Síndrome de Down??

Gráfico 18 - Qual o atributo mais observado em seu aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 19 - Sabemos que em questão do afeto, nas pessoas com Síndrome de Down ele é bem acentuado. Qual o momento em que esse afeto excessivo contribui ou atrapalha no seu dia a dia?

Gráfico 20 - Por que você escolheu a Educação Especial para lecionar?

Gráfico 21 - Você trabalha com quantos alunos por turma?

Gráfico 22 - A Escola oferece algum curso para você, enquanto profissional da educação para se especializar, se atualizar na área de ensino especial?

Gráfico 23 - A Escola tem algum trabalho com os alunos com relação ao mercado de trabalho?

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	13
2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	13
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	13
3 HISTÓRICO SOBRE A SÍNDROME DE DOWN	14
4 IDENTIFICANDO A SÍNDROME DE DOWN	16
5 A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN	23
6 A FAMÍLIA E O PROCESSO DE INCLUSÃO	26
7 PESQUISA DE CAMPO:RESULTADOS E ANÁLISES	29
7.1 OBSERVAÇÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA.....	29
7.2 QUESTIONÁRIOS.....	30
7.2.1 Aplicação de questionário a Mães de alunos com SD.....	30
7.2.2 Aplicação de questionário a Professores de alunos com SD.....	35
7.2.3 Aplicação de questionário a Professores da APAE.....	39
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
9 REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia trata da inclusão das crianças com Síndrome de Down na rede pública e privada de ensino, tematizando o convívio com outras crianças em sala de aula e as dificuldades por elas enfrentadas. Sendo assim justifica-se que a escolha desse tema surgiu pelo fato de haver no município de Goioerê um baixo número de crianças com Síndrome de Down inclusas no ensino regular, o interesse por conhecer mais a fundo o que é a Síndrome de Down, e saber como se dá integração das mesmas em sala de aula com outras crianças.

Sabe-se do pequeno número de crianças e adolescentes com Síndrome de Down inclusos no ensino regular, isto talvez pelo desconhecimento dos direitos destas crianças e adolescentes, das dificuldades enfrentadas pelas escolas, do despreparo do corpo técnico, ou mesmo pelas limitações que a Síndrome de Down impõe. Porém, a inclusão é uma realidade, e é sobre essa realidade que optou-se na realização desse trabalho, assim sob esse olhar pretende-se colaborar junto a educação especial do município.

Dessa forma, elencou-se como objetivo geral conhecer quais são as dificuldades das crianças com Síndrome de Down inclusas no Ensino Regular, e como objetivos específicos definir o que é Síndrome de Down; entender a importância inclusão para a criança com Síndrome de Down; reconhecer o valor que a família tem no processo da inclusão da criança com Síndrome de Down.

A metodologia do presente trabalho foi Pesquisa bibliográfica e de campo. A Pesquisa Bibliográfica abordou os temas Síndrome de Down e Inclusão, já a Pesquisa de Campo foi por meio de observação de alunos com Síndrome de Down que estudam na rede de ensino e entrevistas com familiares das crianças com Síndrome de Down e professores das salas destes alunos que frequentam salas regulares nas escolas de Goioerê. Deixando claro que essa Pesquisa de Campo ocorreu antes de entrarmos na quarentena devido a Pandemia que assola nosso País e mundo.

Para melhor compreensão do tema, foram entrevistados também profissionais da Escola, na modalidade Educação Especial, para conhecer como é o atendimento oferecido para as crianças com Síndrome de Down naquela instituição.

Após foram feitas análise e interpretação dos resultados, as quais serviram de base para a proposição de medidas para melhorar a relação Síndrome de Down e inclusão.

A fundamentação teórica que embasou o presente trabalho partiu dos seguintes autores, Chaves (2003), Lima (2016), Movimento Down (2014), Voivodic (2008), entre outros.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO DE PESQUISA

Em relação à pesquisa, pode-se afirmar que será aplicada, quantitativa e exploratória.

Quanto à natureza, a pesquisa será aplicada sugerindo ações para mitigar as possíveis anomalias encontradas. Já em relação à forma de abordagem, a pesquisa será quantitativa, traduzindo em números e gráficos experiências de Mães e professores em relação a alunos com Síndrome de Down. Quanto aos objetivos, a pesquisa será exploratória, fazendo levantamento bibliográfico acerca do tema.

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Participaram da pesquisa Mães de estudantes com Síndrome de Down, professores da rede pública e privada de ensino regular e da APAE.

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu através de um questionário online. Nesse questionário houve questões desde como a mãe percebeu que seu filho tinha a Síndrome de Down, sua reação, entre outras, e junto aos professores suas interações e dificuldades com o aluno com Síndrome de Down. O questionário foi dividido em questões específicas para as mães e para os professores tanto da escola Pública quanto da escola Privada e APAE, com respostas de múltipla escolha que foram enviadas pelo google docs gerando gráficos alinhados no corpo do trabalho. As perguntas de múltipla escolha não solicitava que a pessoa que fosse responder, se identificasse – isso foi relevante para que os pesquisados se sentissem abertos em expressar suas respostas.

3 HISTÓRICO SOBRE A SÍNDROME DE DOWN

Segundo Oliveira e Gomes (2008) até os dias de hoje não há um registro relacionado à Síndrome de Down antes do século XIX. A primeira definição sobre a Síndrome de Down foi feita entre 1864 e 1866 pelo Médico inglês John Langdon Haydon Down, que trabalhava em uma clínica para crianças com atraso neuropsicomotor, em Surrey, na Inglaterra. O médico elencou com clareza as características físicas parecidas que observou em alguns filhos de mães acima de 35 anos de idade, descrevendo as crianças como amáveis e amistosas.

Após a definição de Down, os estudos sobre a causa da Síndrome atribuíram à tuberculose, à sífilis e ao hipotireoidismo, sendo os pacientes vistos como 'crianças inacabadas'. No decorrer do período que antecedeu a identificação da alteração cromossômica, os pacientes foram rejeitados e mantidos sob regime hospitalar, em condições precárias. O fim desse primeiro período da história da Síndrome de Down é notado por uma intolerância de raízes religiosas e culturais (OLIVEIRA;GOMES, 2008).

Conforme afirma Oliveira e Gomes (2008) em 1959, quase cem anos após a descrição do Dr. Down os cientistas Jerome Lejeune e Patrícia Jacobs, trabalhando de forma independente determinaram a causa até então "Mongolismo", como sendo a trissomia do cromossomo 21. A trissomia do 21 foi a primeira alteração cromossômica descoberta na espécie humana e dentro dos primeiros anos da década seguinte, seria renomeada para a Síndrome de Down. A descoberta da alteração cromossômica marca o segundo período da história da Síndrome de Down, trazendo consigo uma fase repaginada de interesse científico.

De acordo com as autoras supracitadas, em 1960, Polani descreveu casos de Translocação, isto é, partes do cromossomo 21 inteiro colado em outro cromossomo qualquer, e em 1961, descreveu o primeiro caso de Mosaicismo, sendo duas linhagens celulares, possuindo diferentes padrões cromossômicos. No caso da Síndrome de Down, uma linhagem celular com 46(normal) cromossomos e outra com 47 (com a trissomia 21). Nos Estados Unidos, após uma correção dos termos científicos realizada em 1970, a denominação 'mongolismo' foi abolida e a alteração foi definitivamente denominada Síndrome de Down (Down Syndrome), e homenagem ao médico que a apresentou pela primeira vez.

O terceiro período da história da Síndrome de Down coincide com a onda de reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente, que foi tomando conta de grande parte do mundo a partir das últimas partes da década do século XX, onde toda criança independente do sexo, raça, cor, religião e capacidade mental teria cuidados médicos e educação. Iniciou assim, a fase do interesse científico associado ao interesse educacional e hoje, a institucionalização, a marginalização, e a ignorância, enfim, vem dando paulatinamente lugar ao seguimento interdisciplinar humanizado especializado, e a programas educacionais cada vez mais ricos, elencados no conhecimento de que a pessoa com Síndrome de Down tem inúmeras capacidades que devem ser aproveitadas ao máximo (OLIVEIRA E GOMES,2008). De acordo com Oliveira e Gomes (2008), nos dias de hoje as crianças com Síndrome de Down podem ter um desenvolvimento motor muito próximo às que não tem Síndrome de Down, elas falam, correm, brincam. Muitas aprendem a ler, escrever, tocar piano, praticam esportes e muitas tem uma profissão.

4 IDENTIFICANDO A SÍNDROME DE DOWN

Embora a pessoa com Síndrome de Down tenha um problema, elas também tem milhões de qualidades que os tornam maravilhosos. Esse problema não é o fim do mundo, pois com paciência, dedicação, ajuda e muito amor a criança com Síndrome de Down se tornará uma pessoa altamente eficiente, produtiva e independente em muitas coisas, tendo uma vida normal, é claro com seus limites, mas esses limites não são muitos. Estimulando, dando condições e principalmente acreditando nele, se terá grandes surpresas em seu desenvolvimento em todas as áreas, seja ela motora, cognitiva ou afetiva. Então isto não é maravilhoso? Como é lindo e gratificante ver a pessoa com Síndrome de Down se desenvolvendo, vencendo seus limites, minuto a minuto, dia após dia. Como é magnífico ver a alegria dele em saber que ele pode, e é capaz, que ele tem potencial sim para vencer suas dificuldades. Ter uma pessoa especial fazendo parte de sua vida, seja na família, no trabalho ou no âmbito social é fascinante, pois eles nos ensinam que todos são capazes de vencer seus limites, e isso é maravilhoso. Deus é perfeito, e sabe que quem tem uma pessoa com Síndrome de Down na sua vida é capaz de ajudá-lo à vencer e se superar em tudo (CHAVES, 2003; VOIVODIC, 2008; MOVIMENTO DOWN, 2014).

Chaves (2003, p.112), em seu livro escreve uma poesia que fala sobre o acreditar na pessoa com Síndrome de Down:

[...] Eu posso Acreditem em mim Em nós
Me deixem tentar
Só tenham paciência Pois vou devagar Mas
Consigo
O 1º Lugar.
(CHAVES, 2003, p.112).

A partir do momento que passamos a conhecer e entender melhor a pessoa com Síndrome de Down passamos a aceitá-la e a amá-la como ela dever ser, porém nunca vamos conseguir amá-la com a mesma intensidade que ela nos ama. Vamos descobrir que ela é normal como qualquer pessoa, tendo seus limites, mas nada que a impeça de ter uma vida normal. Se você tem um filho, um irmão, um parente, um amigo com Síndrome de Down, sorria, agora se você não tem, quando encontrar um sorria também, dê atenção e não se espante ao

perceber que ela é uma pessoa como você, restrita em alguns aspectos, mas gente como a gente e merecedores de nosso respeito (CHAVES, 2003).

De acordo com o Movimento Down (2012), não existe uma estatística específica a respeito da quantidade de brasileiros com a Síndrome de Down. Há uma estimativa que para cada 700 bebês, 1 nasce com a Síndrome de Down. O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, aponta que cerca de 270 mil pessoas tem a Síndrome de Down.

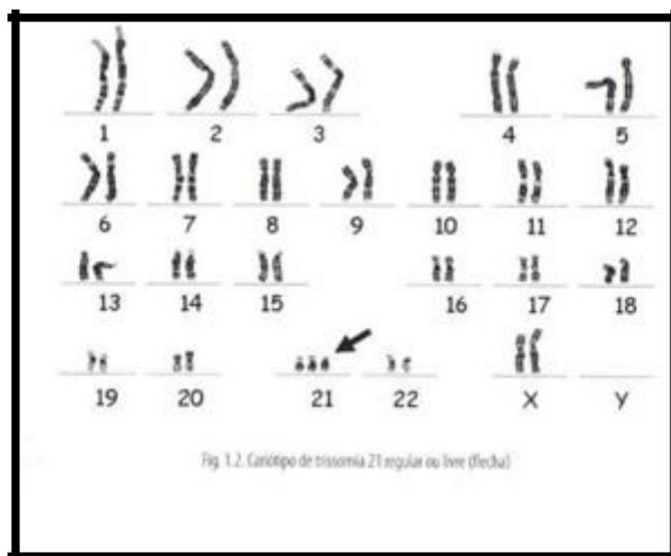
Para Chaves (2003), a definição de Síndrome de Down se dá, pois Síndrome significa um conjunto de características entre si, e Down foi uma homenagem ao primeiro médico que identificou a Síndrome, John Longdon Down.

A Síndrome de Down é considerada assim porque tem um conjunto de características que prejudica de algum modo o desenvolvimento da criança, afetando assim as funções motoras e mentais (SILVA, 200?).

Por que as crianças nascem com Síndrome de Down? Quem na verdade é o culpado? Tirando a vontade de Deus, o culpado é o cromossomo. O nosso corpo é formado por pequenas unidades de células, e dentro de cada uma delas estão os cromossomos. Eles são encarregados pelo nosso funcionamento, são eles que determinam nossas características físicas, intelectuais e emocionais (CHAVES, 2003).

Para Santamaria *et al* (2011), a Síndrome de Down é uma alteração genética causada pela presença de um cromossomo 21 a mais.

De acordo com Silva (200?), a explicação científica sobre a Síndrome de Down se dá, pois, no interior de cada célula do nosso corpo se encontram os cromossomos, responsáveis pela cor dos olhos, altura, sexo e também por todo o funcionamento e forma de cada órgão do corpo interno, como o coração, estômago, cérebro, etc. Todas as células possuem 46 cromossomos, que são idênticos, dois a dois, quer dizer, existem 23 pares ou duplas de cromossomos dentro de cada célula. Um desses cromossomos cujo nome é de nº 21 é que está alterado na Síndrome de Down. A criança que apresenta a Síndrome de Down tem um cromossomo 21 a mais, isto é, ela tem três cromossomos 21 em todas as suas células, ao invés de ter dois. É a trissomia 21. Desse modo a causa da Síndrome de Down é a trissomia 21, pode ser considerado como um erro e ou acidente genético. Esse erro não está no controle de ninguém.

FIGURA 1: Mapa dos Cromossomos

Fonte: Google imagens, 2020

Essa alteração do cromossomo 21 faz com que a criança tenha as seguintes características: olhos puxadinhos para cima, língua protusa (para fora da boca), atraso no desenvolvimento motor, fraqueza dos músculos, retardo mental leve ou moderado, estatura baixa, nariz pequeno e achatado. (CRUZ, 2007).

Segundo Cruz (2007, p. 20), a trissomia 21 é apresentada de três formas, a trissomia livre ou simples, a translocação e o mosaïcismo:

A trissomia livre ou simples ocorre quando a pessoa apresenta 47 cromossomos em todas as células devido a um erro na separação dos mesmos nos gametas maternos ou paternos. Nesse caso, todas as células são trissômicas, têm três cromossomos bem definidos e separados entre si no par do número 21. Noventa e cinco por cento das pessoas com Síndrome de Down possuem trissomia livre. A Síndrome por translocação, que se manifesta em 4% das pessoas sindrômicas, ocorre quando o cromossomo 21 extra está ligado a um cromossomo de outro par. A translocação pode ter sido hereditária do pai ou da mãe, o que ocorre na metade dos casos de translocação. Finalmente, também o mosaïcismo que representa 1% das pessoas com Síndrome de Down: o erro genético ocorre a partir da segunda divisão celular. Isso faz com que os indivíduos possuam células normais com 46 cromossomos e células trissômicas com 47 cromossomos. (CRUZ, 2007, p. 20).

Lima (2016, p. 26) afirma que: “Ter a Síndrome de Down não significa que a pessoa deixa de ser gente, ou que passa a ter uma doença que um dia poderá ter cura. Na verdade, ela não é uma doença e sim uma deficiência”.

De acordo com Chaves (2003), deficiência não é doença. Para ele no dicionário fica claro que doença é saúde, moléstia, enfermidade, mal, etc., e a deficiência é falta, insuficiência, falho.

Para Chaves (2003), a notícia que a criança nasceu com a Síndrome de Down, deve ser dada com os três juntos, o papai, a mãe e o bebê com Síndrome de Down, pois, é a partir dali que se deve começar o apoio emocional e a aceitação do filho especial.

Existe um processo de luto que a família passa ao nascer a criança com Síndrome de Down, Voivodic, (2008, p. 51) esclarece :

Segundo alguns autores, existe um processo de luto adjacente, pela morte das expectativas do filho imaginado, quando do nascimento de uma criança disfuncional, que envolve quatro fases. Na primeira fase, há entorpecimento com o choque e descrença. Na segunda, aparece a ansiedade e protesto, com manifestação de emoções fortes e desejo de recuperar a pessoa perdida. A terceira fase caracteriza-se pela desesperança com o reconhecimento da imutabilidade da perda. E finalmente a quarta fase traz uma recuperação, com a gradativa aceitação da mudança.(VOIVODIC,2008,p.51).

Apesar de que o choque seja inevitável, a maior parte das famílias vence a crise e atinge uma instabilidade. A forma como cada família se adequa a situação varia muito, visto que depende das experiências passadas e dos recursos internos de cada membro (VOIVODIC, 2008).

Sabe-se que a chegada de um filho com Síndrome de Down causa um grande choque na família, e para minimizar esse choque e se adaptarem a nova situação a família precisa da mediação de profissionais para ajudá-la e mostrar as possibilidades e não somente os aspectos negativos (VOIVODIC, 2008).

Concordando com a autora acima Bowby (1997, apud, VOIVODIC, 2008) afirma que a apoio profissional aos pais nos primeiros anos de vida da criança é muito importante para ajudá-los a desenvolver as relações afetivas e compreensivas que todos desejam com o bebê. O apoio aos pais quando qualificado e oportuno, será capaz de ter efeito significativo quando aplicado nos primeiros anos de vida, por ser um período crítico de seu desenvolvimento.

Para Chaves (2003), as pessoas com Síndrome de Down tem um problema sim, mas também tem milhões de qualidades que os fazem maravilhosos. Apesar de sua deficiência e seus limites que não são muitos, o indivíduo com Síndrome de

Down pode se tornar uma pessoa fortemente eficiente e independente em muitas coisas, tendo uma vida normal, sendo estimulado e muito amado por quem o cerca.

De acordo com Chaves (2003, p. 22):

O Down tem uma redução na sua capacidade intelectual, resumindo, ele é capaz de tudo, a diferença é que o não deficiente aprende tudo bem mais rápido, e os portadores da Síndrome de Down, aprendem mais devagarinho (CHAVES, 2003, p.22).

Antigamente muitas pessoas com Síndrome de Down morriam cedo por falta de recursos médicos ou até mesmo descaso da família, com isso criou-se a fantasia que eles morrem cedo, vivem menos. Isso não é verdade, é falta de informação. A qualidade de vida deles melhorou muito, mesmo que seu envelhecimento seja precoce, a expectativa de vida ultrapassa 60 anos de idade. Eles estão mais propícios a algumas doenças com mais frequência, como a má formação cardíaca, hipotireoidismo, problemas respiratórios, de visão, de audição, problemas dermatológicos, odontológicos e deficiência no hormônio do crescimento, normalmente a altura de uma pessoa com Síndrome de Down é de 1,40 a 1,60 cm, vale salientar que eles são mais propícios a essas doenças e não que eles as terão. E nos dias de hoje com a medicina avançada que se tem tudo se resolve sem mistérios (CHAVES, 2003).

Muitas crianças com Síndrome de Down nascem com cardiopatia congênita, que é uma anormalidade na estrutura ou função do coração, podendo impedir seu nascimento, ou quando chegam a nascer, se muito sério, não tem muito tempo de vida (LIMA, 2016). Porém, na maioria dos nascidos com cardiopatia, realizam-se a cirurgia quando bebê, podendo levar uma vida normal (ALIGLERI,2013).

De acordo com Chaves (2003, p. 27), há um pensamento que diz: “Se Deus colocou uma criança especial em sua vida é porque Ele acredita e confia que você é capaz de educar e cuidar dela”. Não se culpe, pois é genético e pode acontecer com qualquer casal. É mais comum em casos de gravidez precoce de 15 a 19 anos, e idade mais avançada, entre 30 e 40 anos. Se caso aconteceu ou acontecer o sentimento de culpa é normal, essa fase passa. Chaves explica que:

Esta fase inicial de busca de explicações e de respostas faz parte do processo de compreensão e aceitação do filho com Síndrome de Down, e com certeza, com o passar do tempo, na medida em que vocês forem conhecendo melhor seu filho, dando amor a ele,

estimulando-o, verão que não existe mistério em criar um filho Down. (CHAVES, 2003, p.27).

Para Oliveira (2001, apud, CHAVES, 2003, p.29), há várias causas da deficiência mental, como os fatores pré-natais genéticos e adquiridos. Dentre os fatores genéticos estão os hereditários e os congênitos. Os hereditários são os que passam de pai para filho, como o hipotireoidismo (deficiência de hormônios da tireoide). E o congênito são as alterações que ocorrem durante a formação do embrião, um exemplo é a Síndrome de Down.

Sobre a falta de preparo das pessoas em ter um filho especial, e sobre o universo onde somos criados e que só o perfeito é valorizado e bem aceito, Chaves (2003 p. 52) conceitua que:

Temos que mudar esta maneira da sociedade pensar, precisamos informar e conscientizar as pessoas que, como disse anteriormente, todos nós podemos vir e a ter um filho especial, ou um irmão especial, um presente especial, todos nós podemos amanhã sofrer um acidente e ficar deficiente, se tornar uma pessoa especial, e aí? Precisamos aprender a aceitar a pessoa portadora de deficiência de uma maneira normal, respeitando seus limites e valorizando suas qualidades, que são muitas. É só nós termos um pouco de paciência e acreditar, que elas vão aparecendo. Temos que aprender que o feio também pode ser bonito, que o cego pode enxergar, que o surdo pode ouvir, que o mudo pode falar, que o deficiente físico pode andar, que o "deficiente mental" pode raciocinar, basta mudarmos nossos valores de que o certo e o normal são o perfeito, o bonito, o inteligente, o coordenado, o rápido e o compreendido (CHAVES, 2003, p. 52).

Para Chaves (2003) se as pessoas começarem a ver as coisas com sensibilidade, carinho, vão notar que todos são iguais e capazes, e que todos temos defeitos, limitações, por isso, devemos encarar as pessoas especiais de uma maneira normal.

A sociedade é desinformada sobre a Síndrome de Down, por isso que ainda se tem muito preconceito e descriminalização. Chaves (2003, p.68) declara:

Criticar é fácil, será que se nós não tivéssemos o problema em casa, ou na família, nós também não iríamos discriminar o deficiente? Vejam bem, nesta situação você não conheceria o problema, já que nossa sociedade é bem desenformada neste assunto. Tem muita coisa na vida que nós só passamos a observar, a aceitar quando vivenciamos a situação, porque aí nós a estaremos conhecendo, portanto, nos informando (CHAVES, 2003, p. 68).

Segundo o autor supracitado, o primeiro passo em combate a discriminação das pessoas com Síndrome de Down, é assumi-los, ter orgulho deles, apresentá-los para a sociedade sim, porque eles são cidadãos e merecem respeito como qualquer outra pessoa. E para as pessoas que descriminam as pessoas com Síndrome de Down, Chaves (2003, p.74) garante que:

[...] eu diria que as pessoas descriminam o que elas não conhecem. Portanto, sempre que for possível, vamos fazer chegar até eles a informação, eu diria que uma das melhores maneiras de informar é mostrar, a informação não precisa ser só falada, mostrando, assumindo, nós também estamos informando, educando, provando para todos que nossos Down são seres humanos como eles, que falam, que choram, que riem, que tem emoções, que sentem prazer em ser respeitados, são gente como a gente (CHAVES, 2003, p. 74).

Para ser aceito na sociedade a pessoa, não precisa querer ser moldada da maneira que a sociedade quer, fazendo-se ser aceito segundo a visão do outro, e sim, agir conforme seus próprios pensamentos sem se preocupar com a aceitação da sociedade, pois todos são diferentes, e cada um deve respeitar o próximo, seja deficiente ou não (LIMA, 2016).

Chaves (2003), em um trecho do seu livro descreve a importância que toda família tem na vida do sujeito com a Síndrome de Down, e também fala de quão é difícil viver em um mundo cheio de preconceito, ignorância e discriminação. A respeito da ignorância, Chaves (2003, p.138) afirma que:

A ignorância a que me refiro é no sentido de que nossa sociedade ignora, desconhece, é desenformada e incapaz de se relacionar com o diferente, se esquecendo de que qualquer pessoa pode, amanhã, ter um filho especial ou vir a se tornar uma pessoa especial. Todos nós, sem exceção, estamos sujeitos a tal situação, se assim quiser o destino (CHAVES, 2003, p.138).

5 A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN

Segundo Mantoan (1997, apud VOIVODIC, 2008, p.26,27), a inclusão tem como objetivo não deixar ninguém de fora do sistema escolar, o próprio terá que sofrer mudanças para se adaptar as necessidades dos alunos.

Chaves (2003), destaca que é de suma importância incluir a criança com Síndrome de Down na escola o mais cedo possível, todavia, respeitando seus limites cognitivos.

Ainda citando Chaves (2003, p.57), “É sabido que uma criança com Síndrome de Down, sendo bem estimulada, trabalhada aprende a ler e a escrever já aos sete, oito ou nove anos de idade. Maravilhoso, não é?”.

Para Voiovodic (2008), a inclusão se espelha no desenvolvimento de estratégia proporcionando igualdade de oportunidades. O princípio da escola inclusa é que todas as crianças aprendam juntas, independentemente das suas necessidades; as escolas inclusivas devem reconhecer a necessidade de cada aluno individualmente, oferecendo uma educação de qualidade com vários recursos e parcerias. As crianças com necessidades especiais devem receber apoios extras que necessitam para ter uma educação efetiva.

A inclusão é para todos, e a escola deve estar preparada para receber os alunos com deficiência e fazer o que são capazes até onde seus limites e possibilidades proporcionarem. Para a autora o que não pode ocorrer é a recusa da matrícula do aluno de forma alguma afirmando que a escola não está preparada, pois esse preparo ocorre durante o processo de escolarização com relação entre teoria e prática. Após a matrícula do aluno com deficiência, a escola e a família devem andar juntas, pois o atendimento especializado pode ser oferecido na rede regular de ensino ou em instituições especializadas em horários diferentes em que o aluno frequenta a escola. Vale ressaltar que as limitações dos alunos devem ser respeitadas, e que ele deve ser estimulado para avançar no seu aprendizado. Na educação inclusiva o ensino deve oferecer ao aluno o que ele necessita, ou seja, educar de acordo com as diferenças individuais sem que qualquer dificuldade se demonstre impedimento para a aprendizagem, pois todos os alunos têm condição de aprender mais, cada um dá sua forma e cada um no seu tempo (CRUZ,2007).

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) a Educação Inclusiva é o meio mais eficiente para a construção de solidariedade entre crianças com

necessidades educacionais especiais e seus colegas. Quanto às escolas inclusivas elas devem identificar e responder as necessidades diversas de seus alunos, adequando-se ao ritmo de aprendizagem de cada um.

Em relação ao ensino regular na opinião de Chaves (2003), a criança com Síndrome de Down é muito capaz quando bem estimulada, e isso depende muito da preparação da escola e de toda sua equipe para recebê-la.

Sobre a pessoa com Síndrome de Down estudar no ensino regular Chaves, (2003 p.65) aponta que:

Ela, com certeza é muito capaz quando estimulada, pode ir longe, estudar no ensino regular como qualquer outra pessoa normal, desde que esta escola esteja preparada para recebê-la (CHAVES, 2003, p. 65).

De acordo com Chaves (2003), as escolas especiais tem uma preparação melhor para trabalhar com as pessoas com Síndrome de Down, porém, elas isolam muito a criança do mundo. Já na rede regular em sua opinião seria melhor, pois há uma união com as crianças não deficientes. Essa integração é de grande importância para o bom desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, principalmente porque eles são ótimos imitadores.

É muito importante incluir a atividade física na vida do indivíduo com Síndrome de Down, pois melhora sua coordenação motora, sua capacidade cardiorrespiratória, sua autoestima, sua socialização com a comunidade, resumindo, proporciona a eles melhor qualidade de vida. Também ajuda a eles a deixarem de ser inativos, passando a ser uma pessoa participativa e alegre. Eles são capazes de aprender qualquer esporte, por isso deve deixá-lo conhecer todos que estão a disposição e assim permitir que ele escolha o que mais o agrada. (CHAVES,2003).

Para o autor supracitado sobre a pessoa com Síndrome de Down praticar vários esportes existentes deixa claro que eles são capazes de correr, pular, saltar, arremessar, nadar, enfim, só precisam da nossa ajuda para estimulá-los, ajudá-los a descobrir o esporte de sua preferência.

No Brasil a cada vestibular vem crescendo a quantidade de jovens com Síndrome de Down que entram no ensino superior. Levantamento de 2014 mostra que mais de 50 pessoas com Síndrome de Down estavam no Ensino Superior (MOVIMENTO DOWN, 2014).

Já em todo território brasileiro tem dados da inclusão de todos os alunos com deficiência não somente da pessoa com SD. Em 1998 houve um censo escolar que mostrou que cerca de 200 mil estudantes estavam inclusos na educação básica regular. Outro censo aconteceu em 2014, onde se vê um grande crescimento para 698,768 alunos especiais matriculados na educação básica (BRASIL, 2015).

No dia 21 de março é comemorado o Dia Internacional da Síndrome de Down, onde a data delega a luta para a inclusão da pessoa com deficiência nas escolas, no mercado de trabalho e nas relações sociais (BRASIL, 2015).

6 FAMÍLIA E O PROCESSO DA INCLUSÃO.

A família é o primeiro contato da criança com o mundo, acerca disso, Voivodic (2008, p.46), afirma que :

A família se constitui o primeiro grupo social da criança, e é através do relacionamento familiar que a criança viverá a primeira inserção no mundo. É no seio da família que a criança terá suas primeiras experiências, sendo portanto esta a unidade básica do crescimento do ser humano e a sua primeira matriz de aprendizagem. Os primeiros anos de vida de uma criança constituem um período crítico em seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo, e o papel que a família desempenha nesse período é de fundamental importância.(VOIVODIC, 2008,p.46).

Conforme Chaves (2003), os pais devem dar toda a condição para o filho com SD aprender a ler e a escrever, mas, sem forçar a barra, respeitando seus limites.

De acordo com Cruz (2007), a família é a responsável pela educação de seus filhos, pelo reconhecimento da ética, do respeito, da autonomia, dos direitos e deveres dos mesmos, por isso, não deve abandonar suas responsabilidades de educadora, transferindo seu papel para a escola. A escola não pode ser a única encarregada de preparar novos cidadãos, ela pode e deve partilhar da educação através do diálogo constante e verdadeiro com a família da criança.

É fundamental o papel da escola na educação inclusiva, contudo, a família continua sendo a principal educadora independente do seu formato (CRUZ, 2007, P.79).

Conforme afirma Voivodic (2008), é de grande relevância incluir a família no processo educacional e terapêutico da criança com Síndrome de Down, pois, por mais que a escola e profissionais se esforcem com a intenção de proporcionar o desenvolvimento da criança, seus esforços serão muito restritos se não for vista, tanto em sua filosofia educacional quanto em sua prática de ação, uma orientação aos pais. Admite-se que a família é um elemento determinante para o procedimento de integração da criança que tem alguma deficiência. Por alguns especialistas menosprezarem a importância da família no processo de inclusão que as vezes ela não se realiza corretamente.

Segundo a autora supracitada, para que a criança venha ser incluída na sociedade ela precisa antes de tudo estar integrado na família. A mediação

precoce no âmbito familiar é fundamental e tão importante quanto o atendimento direto com a criança com Síndrome de Down.

A família deve ter como principal objetivo a contribuição na formação de cidadãos justos, conhecedores de direitos e deveres. Ela é a maior colaboradora da escola inclusiva, pois ela é incumbida pela estimulação e reivindicações das transformações necessárias para a construção de uma sociedade inclusiva. Compete à família reivindicar dos poderes públicos uma educação de qualidade para seus filhos, com ou sem deficiência (CRUZ, 2007).

Quanto à parceria de pais e escola, Mittler (2003, apud CRUZ, 2007, p.80), aponta que os pais são os primeiros e contínuos educadores de suas crianças. Pais e profissionais devem trabalhar juntos desde a infância, pois assim, conseguirão ótimos resultados no desenvolvimento da criança. Portanto, em todas as etapas do desenvolvimento da criança deve se buscar uma cooperação efetiva com os pais.

A respeito dos pais e escolas estarem sempre juntos, Cruz (2007, p.81) afirma que:

Família e escola devem estar constantemente juntas, com relações baseadas no entendimento e na confiança, estudando e conhecendo sobre o sujeito que educam, com propósitos de quebrar antigos estereótipos e de construir uma educação que prepare todos – família, escola, educadores e educandos – para se responsabilizarem pela transformação social (CRUZ, 2007, p.81).

As pessoas com deficiência têm o direito de manifestar seu desejo em se tratando de sua educação. Já os pais possuem direito próprio de serem consultados quanto à educação apropriada para a sua criança. Haja visto disso, é que todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sócias, emocionais, linguísticas e outras, devendo incluir crianças deficientes e superdotadas crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minoria linguísticas, étnicas ou culturais (DECLARAÇÃO DE SALAMACA, 1994).

Chaves (2003), diz que não se deve esquecer dos limites da criança com Síndrome de Down quando for alfabetizá-la. Quem convive com a pessoa com Síndrome de Down deve ser flexível, para não ficar massacrando, exigindo a mais do que ela pode. Existem milhões de outras coisas que podem ser trabalhadas com

a criança.

Quanto ao parágrafo citado a cima, Chaves tira um pequeno trecho do livro do Pequeno Príncipe que diz que “ É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar” (EXUPÉRY, 1963, apud CHAVES, 2003, p.65).

7 PESQUISA DE CAMPO: RESULTADOS E ANÁLISES

7.1 OBSERVAÇÃO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA.

Para saber um pouco das dificuldades encontradas pelos alunos inclusos na rede regular de ensino foram observados em sala de aula dois alunos, sendo o aluno 1 estudante de uma escola particular da cidade e o aluno 2, estudante de uma escola pública.

Começou-se observando o aluno 1. Ele estava com dez anos de idade, estudando no 4º ano do Ensino Fundamental I, estuda na mesma instituição desde o pré escolar. Na sala de aula que o aluno I estudava, havia vinte e dois alunos, juntamente com a professora regente e uma auxiliar, que é a que mais acompanha o aluno incluído. Pode perceber que o aluno tinha boa convivência com os colegas. Ele sentava na última carteira da fila do meio. No intervalo ele interagia normalmente com seus colegas, comprava o lanche sozinho e participava das brincadeiras com as outras crianças. As atividades do aluno eram diferentes dos demais colegas de sala, sendo elaboradas por uma psicopedagoga, onde a mesma se dirigia a escola uma vez por mês para atender os alunos no que fosse preciso, principalmente o aluno incluído, e o mesmo se deslocava juntamente com sua família para Campo Mourão para reforçar o acompanhamento e desenvolvimento com a profissional. De acordo com a professora auxiliar que acompanhava o aluno a união entre família, escola e aluno é o que faz toda diferença no desenvolvimento do mesmo.

O aluno II estudava no 1º ano do Ensino Médio, sentava-se na primeira carteira, acompanhava a aula com os demais colegas fazendo os exercícios em seu tempo, e se necessário o professor mudava a metodologia com o aluno incluído. O professor sempre procurava observar no caderno do aluno II se ele estava acompanhando a aula. Ele tinha uma boa interação com os colegas que são muito atenciosos com ele, ajudavam o aluno incluído no que era necessário.

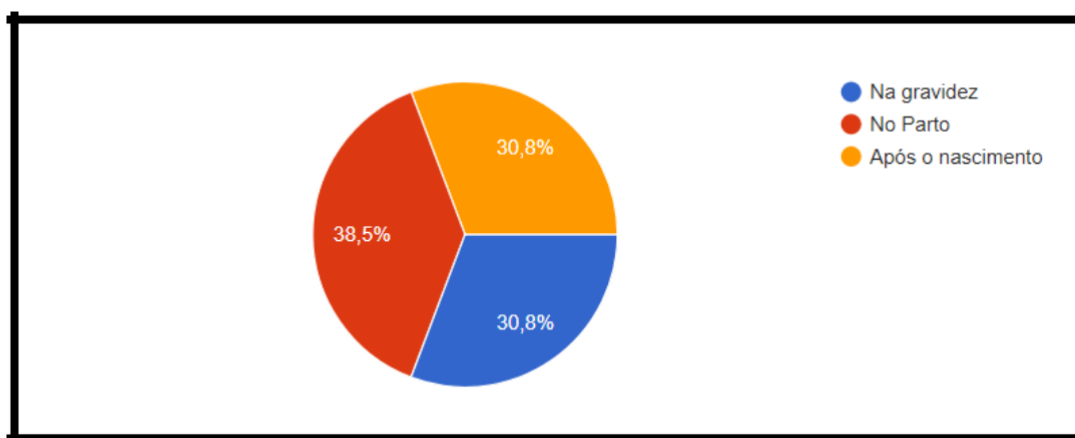
7.2 QUESTIONÁRIOS

Para dar continuidade ao Projeto e conhecer mais a fundo sobre a inclusão da criança com Síndrome de Down foi elaborado questionários para professores e mães de alunos inclusos na rede publica, particular e APAE da cidade de Goioerê. Na sequência demonstra-se as respostas obtidas do referido questionário.

7.2.1 Aplicação de questionário a Mães de alunos com SD.

Perguntado em que momento você percebeu que seu filho tinha Síndrome de Down?

Gráfico 1: PERCEPÇÃO SOBRE A SÍNDROME DE DOWN NO FILHO

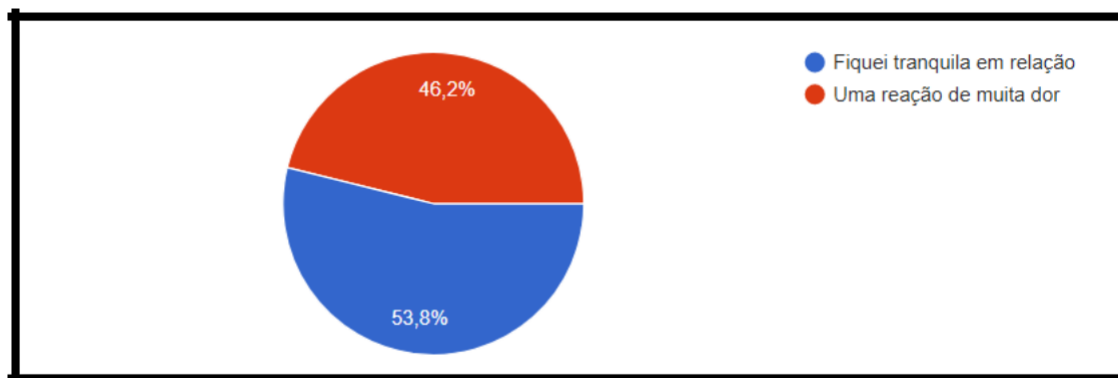


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O gráfico nos demonstra uma percepção quase simultânea hora na gravidez, no momento do parto e após o nascimento.

Perguntado qual sua reação no momento em que descobriu que seu(a) filho(a) seria especial?

Gráfico 2: REAÇÃO QUANDO DA PERCEPÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN

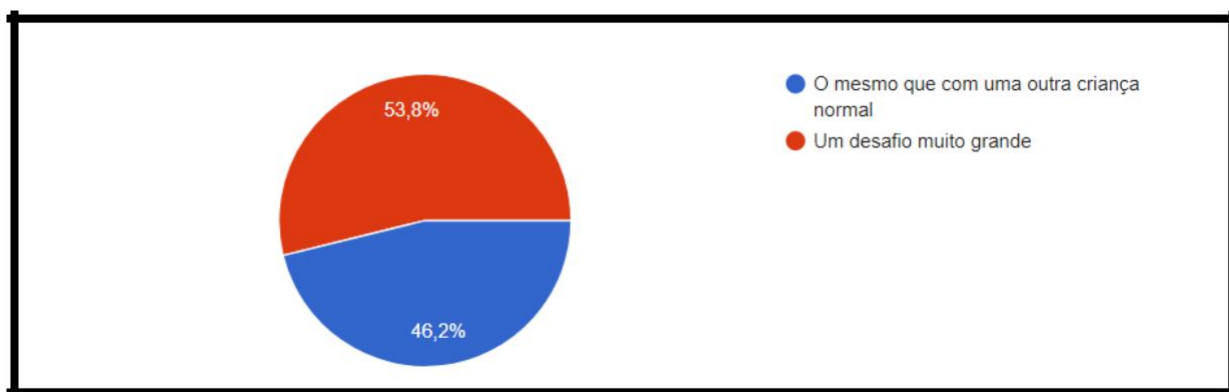


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Algumas mães demonstraram tranquilidade e outras muita dor, vergonha e o luto pelo bebê esperado, e ao mesmo tempo um amor muito grande pelo filho, e uma vontade imensa de protegê-lo de tudo e de todos.

Em outro questionamento sobre em seu entendimento qual é o maior desafio como mãe em lidar com um filho com Síndrome de Down?

Gráfico 3: DESAFIO DA MÃE AO LIDAR COM O SÍNDROME DE DOWN

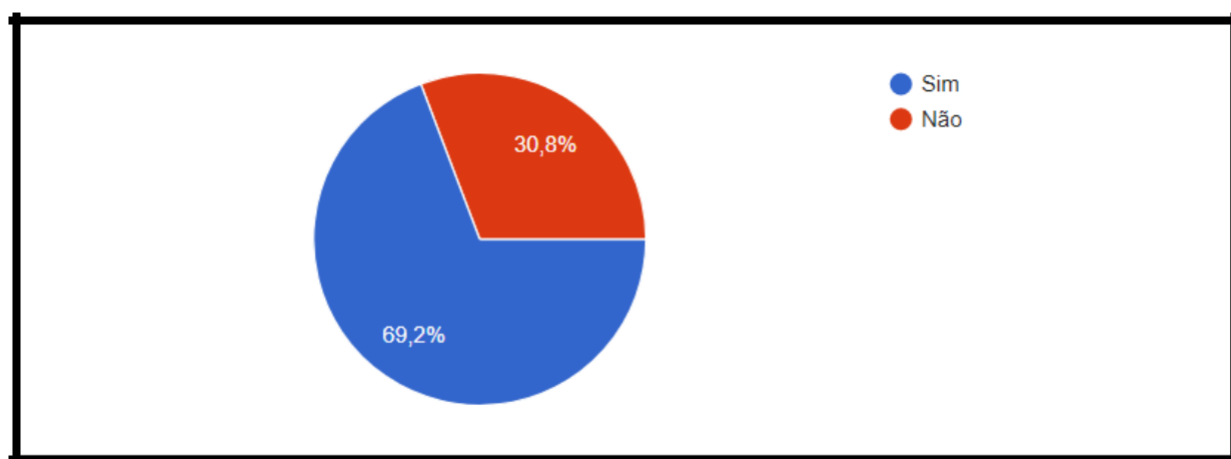


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Para a maioria das mães o desafio é muito grande com tudo, inclusive alimentação, estimulação, muitas se sentiam muito cansada com toda rotina, já para a outra parte o desafio é o mesmo que com outros filhos ditos normais.

Na questão quanto à estimulação foi perguntado, se a estimulação precoce é uma ação importante ao desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down?

Gráfico 4: A ESTIMULAÇÃO PRECOCE É IMPORTANTE PARA O SÍNDROME DE DOWN

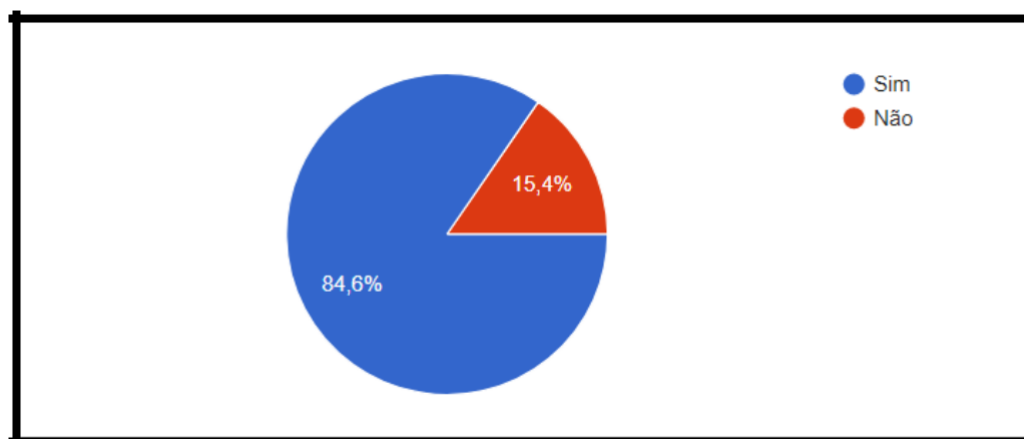


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

A maioria das mães deixam claro que a estimulação precoce é sem duvida muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois é ela que irá garantir um bom desenvolvimento para o bebê.

Na questão a respeito se seu filho participou de um programa de estimulação, e isto colaborou ao seu desenvolvimento?

Gráfico 5: SE O FILHO PARTICIPOU DE PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO

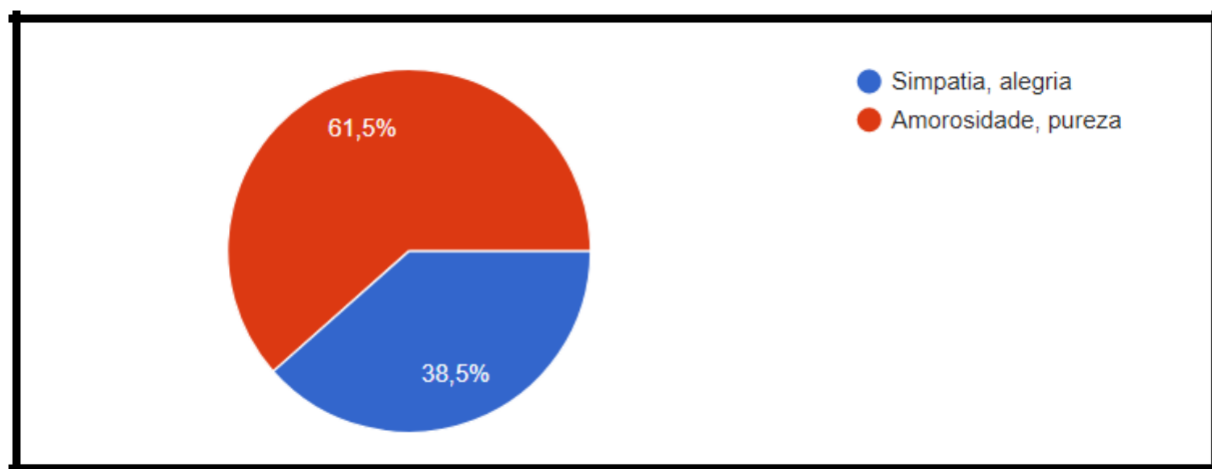


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Os filhos da maioria das mães participaram e participam de programa de estimulação, e elas deixam claro que é de extrema importância a estimulação para a criança.

Sobre qual é a característica que mais chama sua atenção em seu filho com Síndrome de Down?

Gráfico 6 : CARACTERÍSTICA QUE SE DESTACA NO SÍNDROME DE DOWN

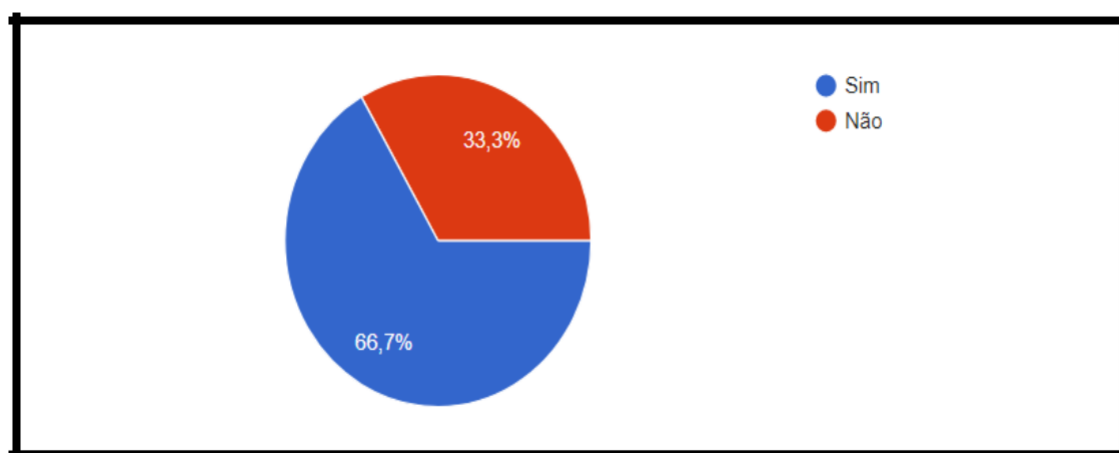


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

As crianças com Síndrome de Down tem características muito doces, haja visto que o que as mães mais citaram foram que eles são muito simpáticos, alegres, amorosos e puros, dentre muitas outras.

Sobre a aceitação do aluno com SD perguntou-se se a escola em que seu filho estuda aceitou de imediato a matrícula ou você teve que recorrer em alguma instância para ele ser matriculado?

Gráfico 7: SE A ESCOLA ACEITOU DE IMEDIATO O FILHO SÍNDROME DE DOWN

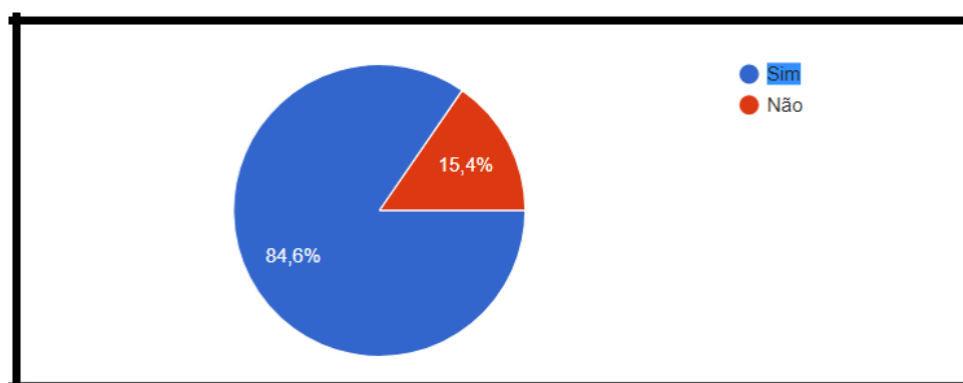


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

A maioria das escolas aceitam de imediato a matrícula da criança, porém ainda existe nos dias de hoje resistência em aceitar um aluno especial na rede regular, porém muitas mães não abrem mão de incluir seu filho, e lutam dia após dia, pois todos tem direitos iguais.

Sobre a compreensão da preparação dos professores para atuarem a questão foi: A escola em que seu filho estuda tem professores preparados para receber um aluno com necessidades educacional especial?

Gráfico 8: A ESCOLA TEM PROFESSORES PREPARADOS PARA LIDAR COM O SÍNDROME DE DOWN



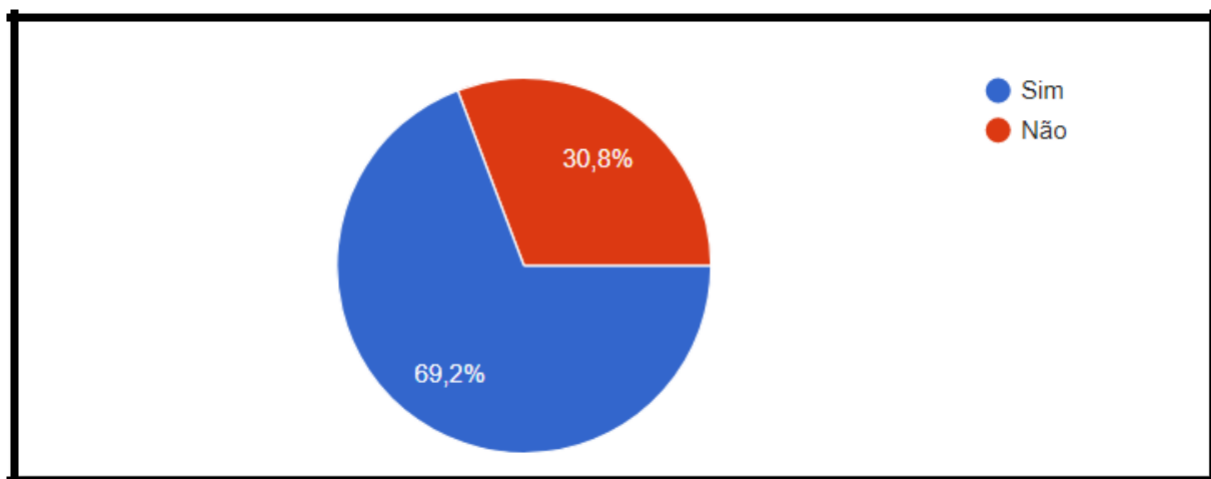
Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O gráfico mostra claramente que os professores não estão preparados para receber o aluno especial. As mães relatam que tem professores formados em

Educação Especial, porém se negam a fazerem a inclusão, sendo uma questão de querer e entender como acontece.

Dos benefícios da escola inclusiva a pergunta foi: Você acha que a escola inclusiva tem trazido benefícios para o aluno com necessidades especial, e de modo particular para seu filho?

Gráfico 9: A ESCOLA INCLUSIVA BENEFICIA O SÍNDROME DE DOWN



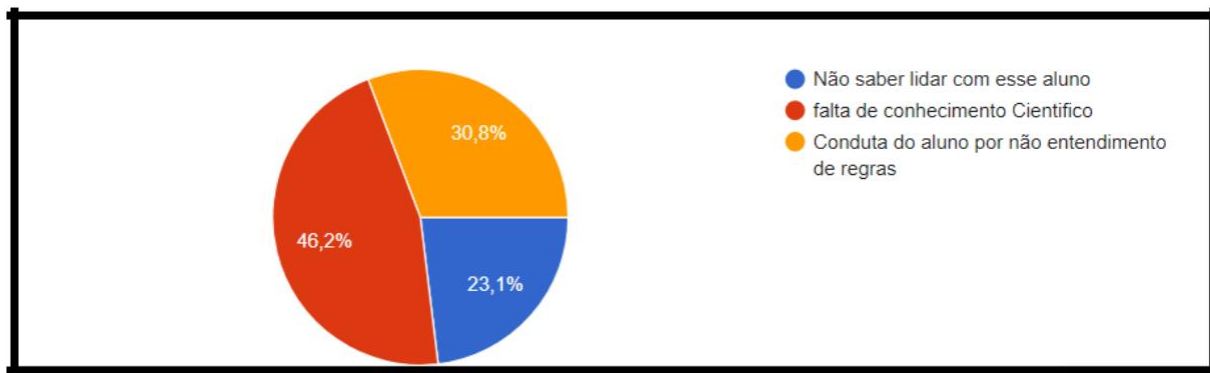
Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

A escola inclusiva traz muitos benefícios para a criança especial, e o gráfico deixa claro isso, pois de acordo com as mães a convivência social ajuda ambas partes, sendo que um aprende com o outro.

7.2.2 Aplicação de questionário a Professores da escola Pública e Privada.

A questão foi perceber qual o maior desafio encontrado na relação entre o professor e o aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 10: MAIOR DESAFIO NA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO SD

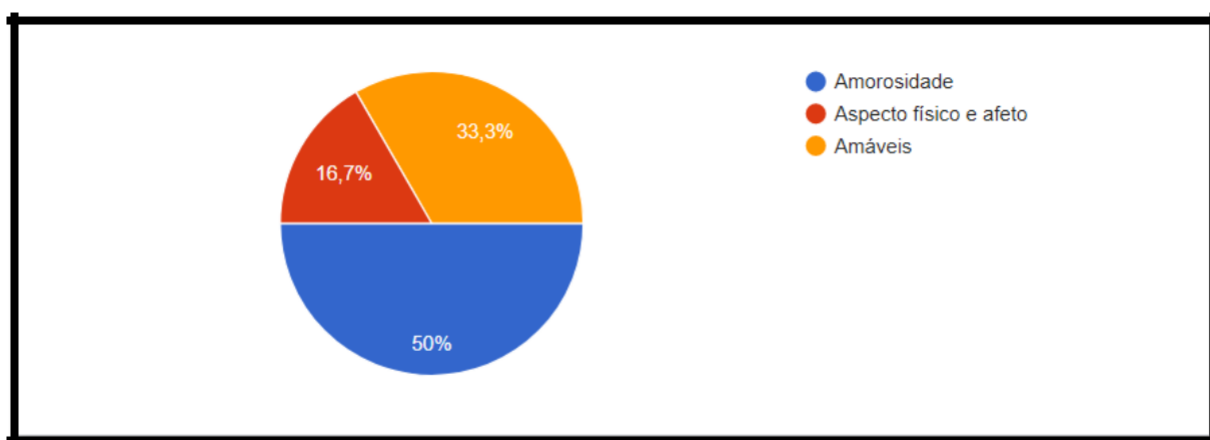


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Nessa questão os professores apontam vários desafios, porém o que mais se destaca é a falta de conhecimento científico.

Na questão sobre amorosidade, aspecto físico e afeto e amabilidade questionou-se: Qual o atributo mais observado em seu aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 11: ATRIBUTO MAIS OBSERVADO NO ALUNO SD

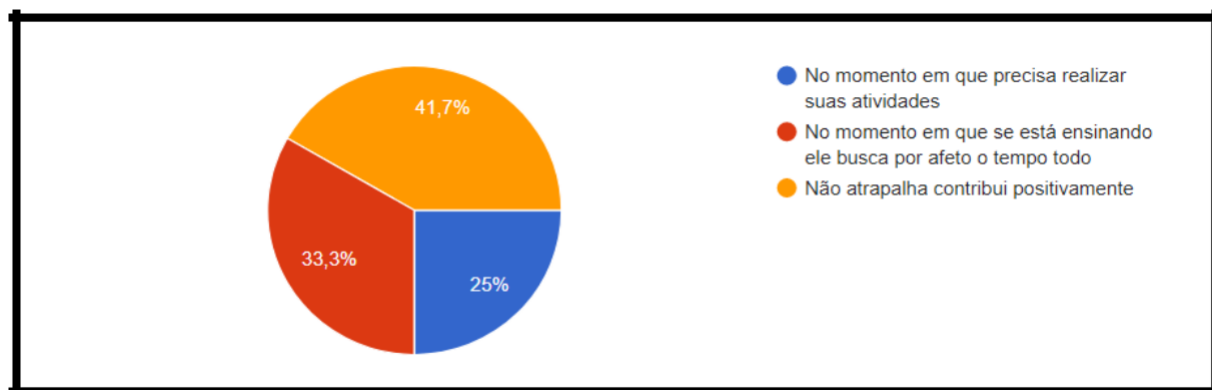


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Entre os profissionais da Educação a qualidade que mais se destaca entre seus alunos com Síndrome de Down é o amor.

Sobre as características de afeto da criança com SD perguntado: Sabemos que em questão do afeto, nas pessoas com Síndrome de Down ele é bem acentuado. Qual o momento em que esse afeto excessivo contribui ou atrapalha no dia a dia?

Gráfico 12: INTERFERÊNCIA DO AFETO NO DIA A DIA DO SD

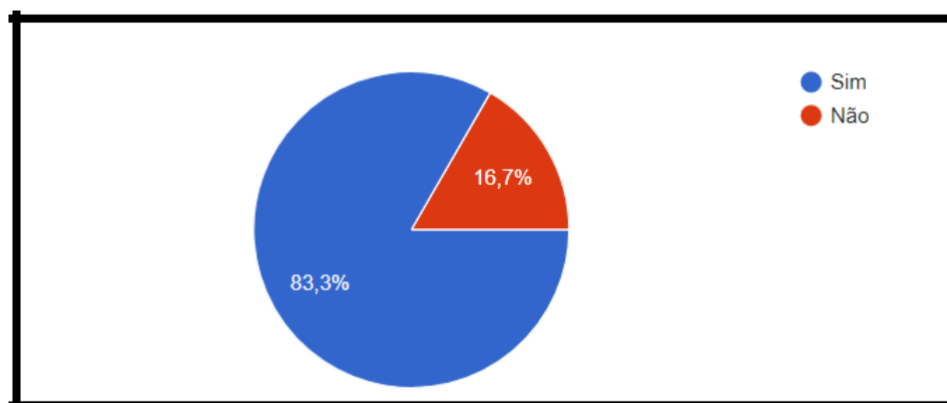


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O afeto acentuado é uma característica comum entre as pessoas com Síndrome de Down, para alguns professores isso atrapalha em algum momento, no entanto para a maioria é ao contrário, sendo assim contribui positivamente.

Na questão sobre orientações com o trabalho com alunos SD perguntou-se: Existe algum trabalho de orientação com relação aos alunos que participam de suas atividades com os alunos com Síndrome de Down?

Gráfico 13: ATIVIDADES COLETIVAS DEMAIS ALUNOS COM O SD

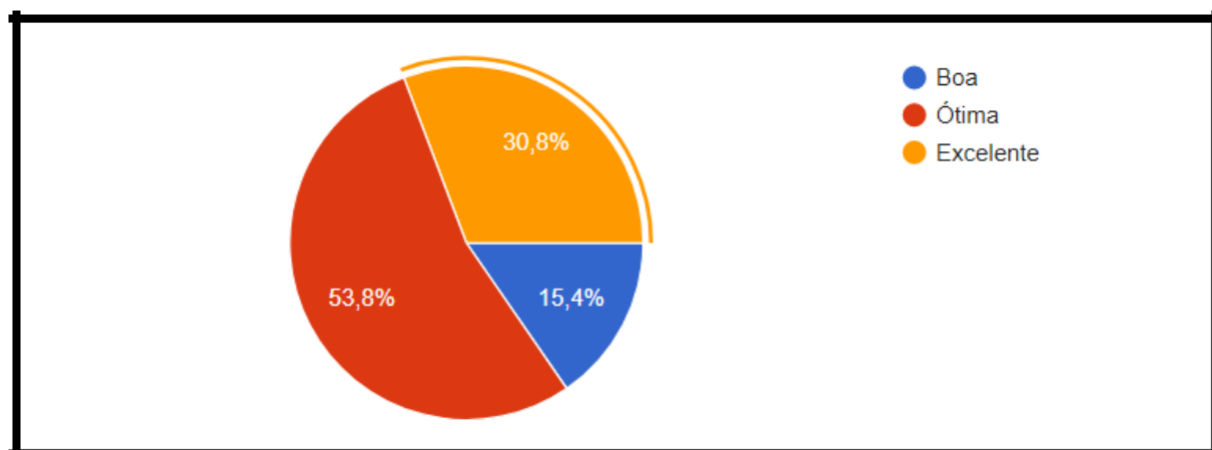


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Na maioria das escolas existe um trabalho de orientação quanto aos alunos especiais. Algumas sempre no início do ano letivo falam com toda a escola sobre a igualdade e direitos, e também sempre que possível trabalham sobre a inclusão, mostrando que todos tem o mesmo direito e todos devem ser respeitados.

Sobre a integração dos alunos com outros colegas a questão foi: Como é a integração dos alunos que estão partilhando a sala com alunos Síndrome de Down?

Gráfico 14: INTEGRAÇÃO DO SD COM OS DEMAIS ALUNOS

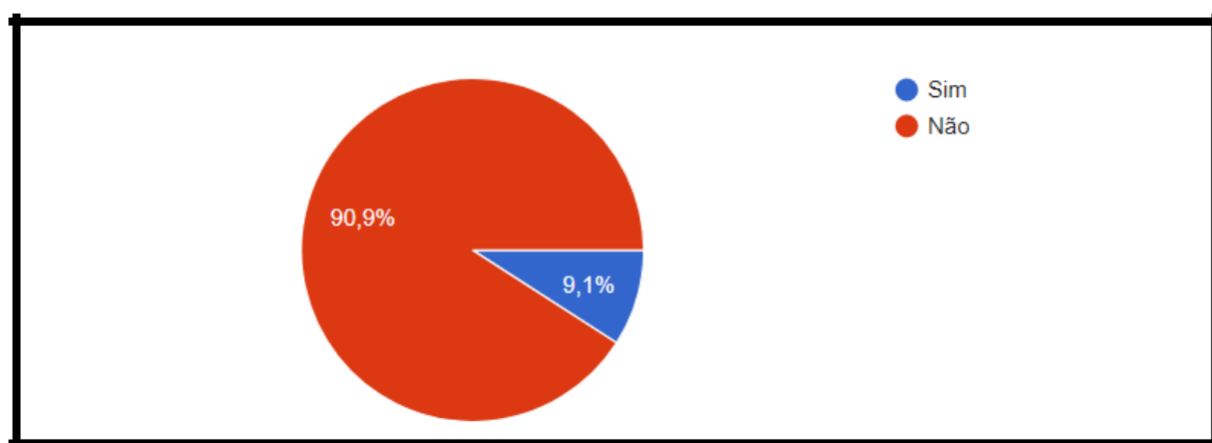


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Para a maioria dos professores a integração dos alunos com Síndrome de Down com os outros alunos é ótima, sendo assim a convivência e o aprendizado se torna mais fácil e prazeroso.

Questionado se há alguma interferência do aluno com SD a questão foi: Você acha que o aluno especial de alguma forma interfere ou atrapalha no andamento da aula?

Gráfico 15: INTERFERÊNCIA DO SD NO TRABALHO DE CONJUNTO

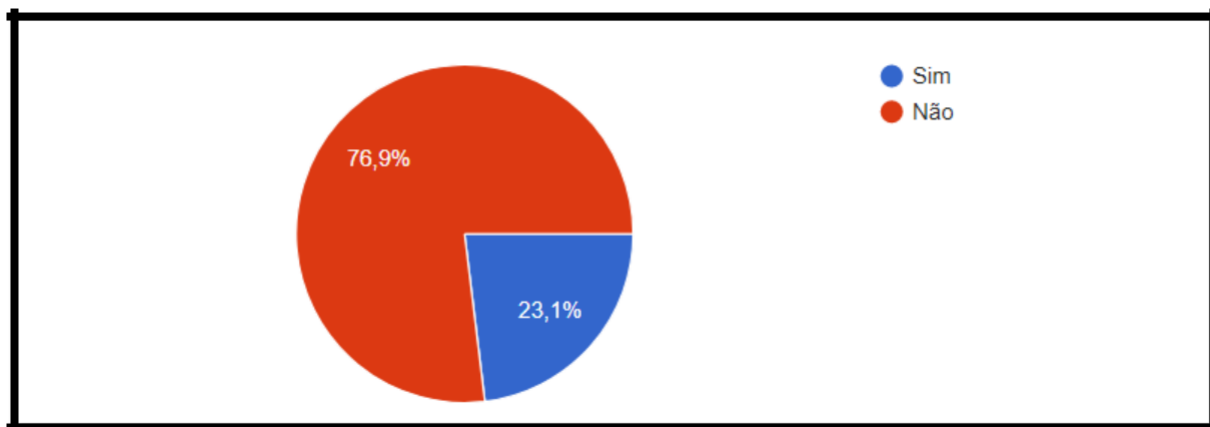


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Como está no gráfico o aluno especial não atrapalha o andamento da aula, acontecendo o oposto, pois para a maioria dos professores essa integração tem muito a ensinar para ambos, pois todos aprendem valores muito importante para toda vida, como a aceitação, respeito, amor, cuidado e muito mais.

Sobre a intervenção de pais a questão foi: Já houve alguma crítica por parte dos pais dos demais alunos com a presença dos alunos especiais na escola inclusiva?

Gráfico 16: CRÍTICAS POR PARTE DOS PAIS DOS DEMAIS ALUNOS



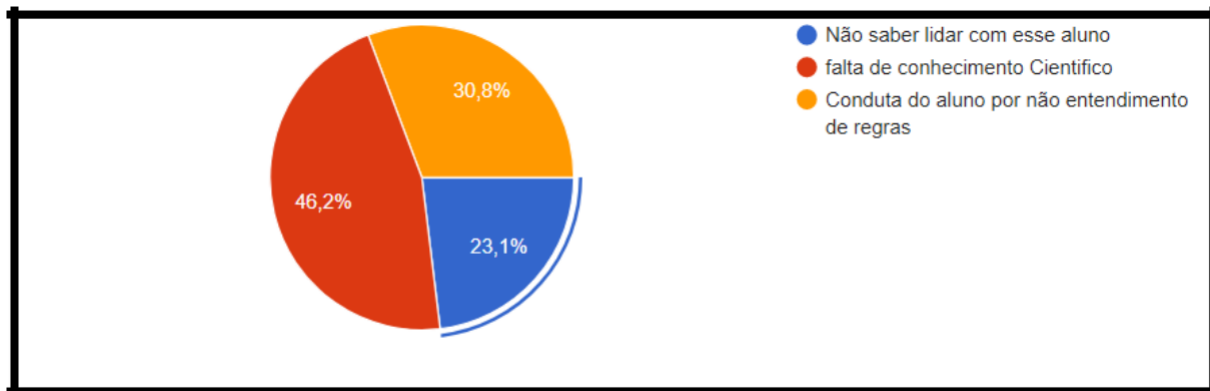
Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O gráfico comprova que a inclusão nos dias de hoje esta sendo mais aceita por todos. Nessa questão os professores relatam que não há reclamação por parte dos pais dos demais alunos com a presença dos alunos especiais nas mesmas salas que seus filhos.

7.2.3 Aplicação de questionário a Professores da APAE.

A questão foi, qual o maior desafio encontrado na relação entre o professor e o aluno com Síndrome de Down?

Gráfico 17: MAIOR DESAFIO RELAÇÃO PROFESSOR E SD

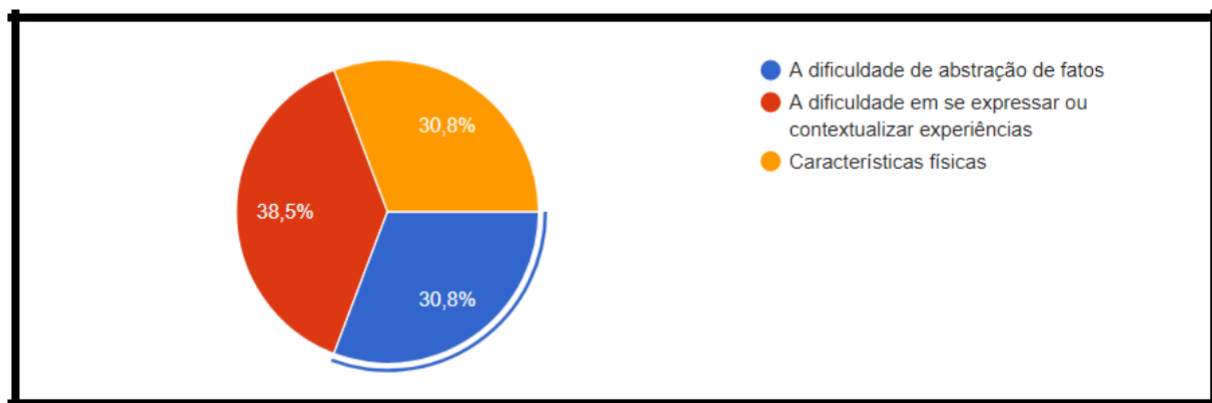


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Observa-se o maior desafio do professor em relação ao aluno centra-se na falta de conhecimento científico do docente isto ressalta um ponto em que a escola deve ater-se dando subsídios ao professor para desenvolver um bom trabalho na construção das relações com o aluno com SD bem como nos aspectos técnicos adquiridos no aumento de sua como professor.

Na questão sobre qual o atributo mais observado em seu aluno com Síndrome de Down?

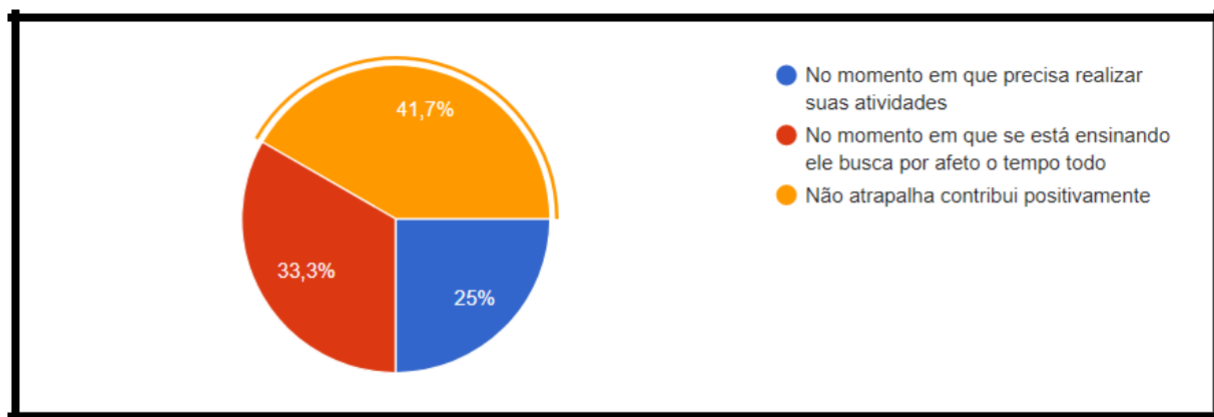
Gráfico 18: ATRIBUTO MAIS OBSERVADO NO ALUNO SD



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Percebe-se uma média entre os aspectos desde a dificuldade de abstração com 30,8%, a dificuldade de se expressar ou contextualizar experiências com 38,5% e as características físicas com 30,8%

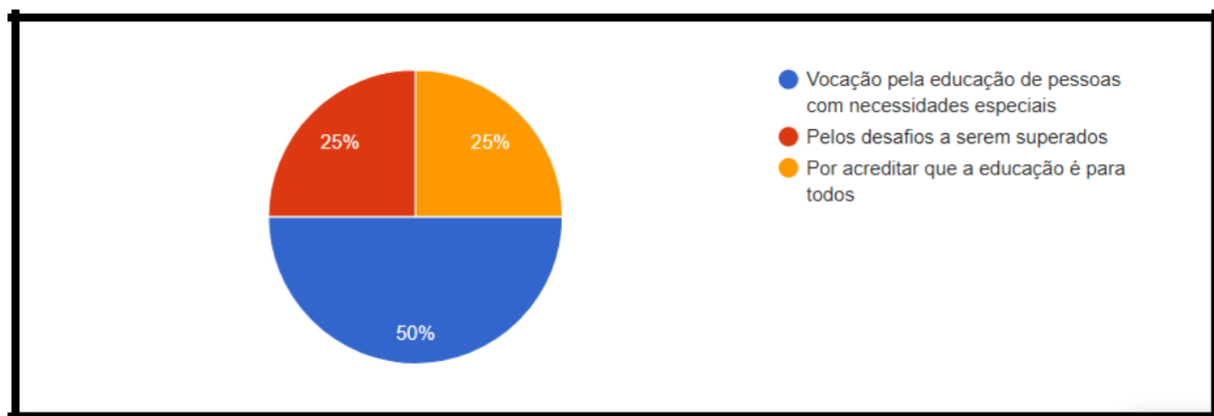
Na questão sobre o afeto excessivo questionou-se: Sabemos que em questão do afeto, nas pessoas com Síndrome de Down ele é bem acentuado. Qual o momento em que esse afeto excessivo contribui ou atrapalha no seu dia a dia?

Gráfico 19: SOBRE O PAPEL DO AFETO EXCESSIVO AO SD

Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O entendimento nesta questão denota que a maioria dos professores entende que o afeto excessivo não atrapalha e contribui positivamente no desempenho das atividades desempenhadas pelo professor isto reflete um preparo do professor para trabalhar com crianças com SD.

Na questão sobre o porquê da escolha da Educação Especial para lecionar?

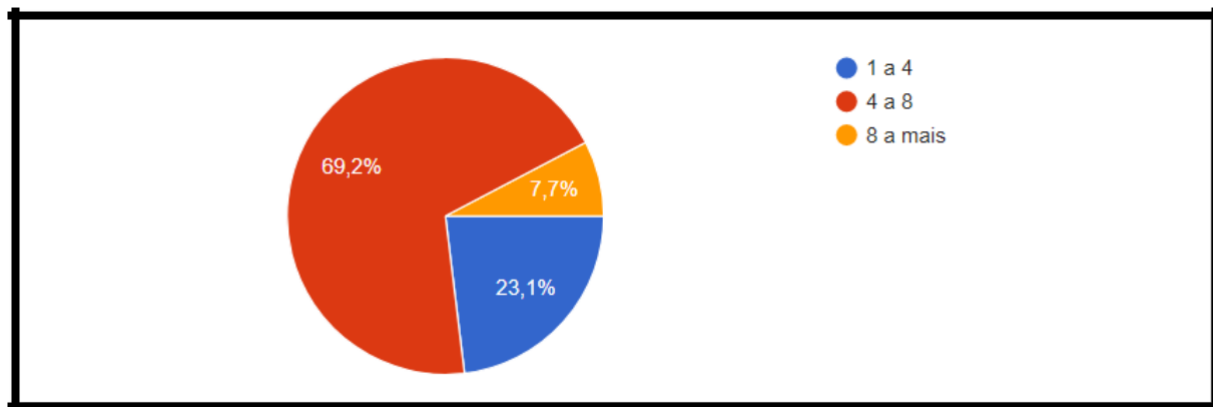
Gráfico 20: MOTIVOS PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Evidencia-se a vocação pela educação de pessoas com necessidades especiais como aspecto determinante para 50% dos professores.

Em relação ao número de alunos a questão: Você trabalha com quantos alunos por turma?

Gráfico 21: NÚMERO DE ALUNOS SD POR TURMA

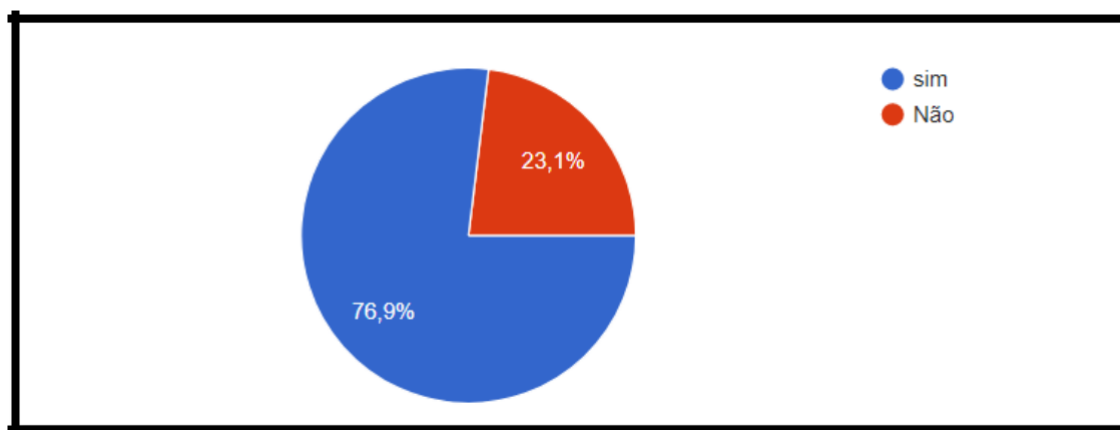


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

Em relação ao número de alunos 69,2 % trabalha com um número de alunos entre 4 a 8 alunos.

Quando perguntado se a Escola oferece algum curso para você, enquanto profissional da educação para se especializar, se atualizar na área de ensino especial?

Gráfico 22: SOBRE RECEBER CAPACITAÇÃO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

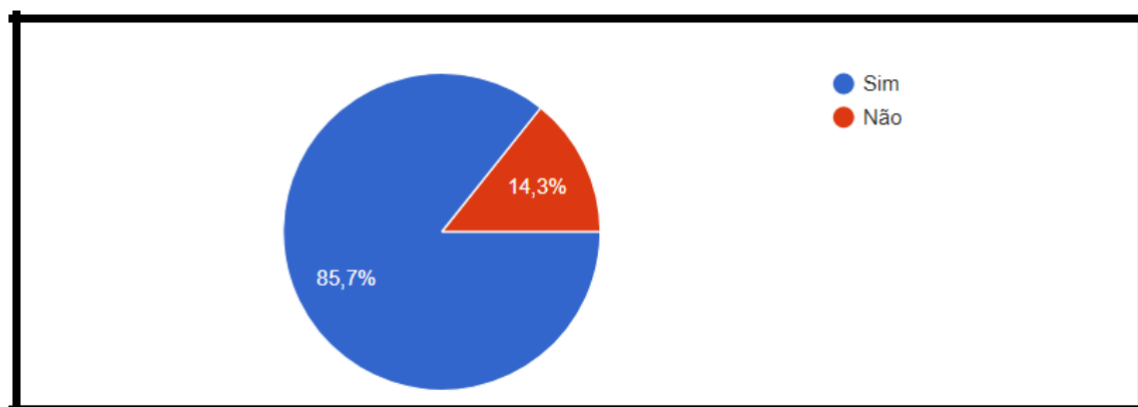


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

O entendimento de 76,9% responderam que sim os 23,1% justifica-se a resposta “não” porque muitos são estagiários que permanecem por um curto período na escola assim justifica-se o investimento em cursos na área àqueles efetivos na escola.

Se a Escola tem algum trabalho com os alunos com relação ao mercado de trabalho?

Gráfico 23: ESCOLA TEM TRABALHO DIRECIONADO AO MERCADO DE TRABALHO



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2020.

A integração do aluno ao mercado é um ponto positivo da APAE – Escola observa-se que nas respostas ficou evidenciado 85,7% isto se reflete por ações da direção da escola na busca de proporcionar uma participação do aluno com o Mercado local buscando a integração do mesmo com a comunidade empresarial.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir da pesquisa realizada constatou-se que as pessoas com Síndrome de Down tem milhões de qualidades que os fazem ser maravilhosas, começando com o amor incondicional que eles tem por todos que a cercam. Apesar de ter a SD eles podem viver uma vida normal, tornar-se uma pessoa fortemente eficiente e independente em muitas coisas, sendo bem estimulada e amadas por todos que as cercam. Devemos mudar nossos valores de que o certo e o normal são os perfeitos, o bonito, o inteligente, o coordenado e rápido.

Através da pesquisa pode observar também o quão é importante a inclusão na rede regular de ensino na vida de uma criança com Síndrome de Down, pois o convívio dela com as outras crianças ajuda em seu desenvolvimento. A criança com Síndrome de Down quando estimulada desde cedo é capaz, pode ir longe, estudar no ensino regular como qualquer outra criança, praticar esportes, fazer aulas de musica e tudo o que uma criança dita normal é capaz, mas, também os profissionais devem saber que elas tem limites e eles devem ser respeitados.

Pode-se perceber também a grande importância da família na vida da criança com Síndrome de Down, pois a família além de ser o primeiro contato da criança com o mundo, é a primeira escola de todas elas. A família deve dar toda condição para que a criança aprenda a ler e a escrever, porém, tudo em seu tempo, pois é fundamental exigir de cada um o que cada um pode dar. E é de suma importância destacar que a família e a escola devem trabalhar juntas para melhor desenvolvimento da criança.

Quanto ao convívio com os demais colegas em sala de aula percebe-se que é muito bom, há o respeito e uma amizade verdadeira da maioria dos colegas com o aluno com SD, e todos procuram o ajudar de alguma forma .

Ao final do estudo pode-se constatar que umas das maiores dificuldades encontradas pelos alunos com Síndrome de Down inclusos muitas vezes é ocasionado pela falta de formação/capacitação aos professores que atuam no Ensino Regular, pois força de vontade todos tem, sendo o que mais falta é capacitação da parte dos profissionais.

REFERÊNCIAS

ALIGLERI, Michelle. **Cardiopatia Congênita: 35% dos recém-nascidos morrem**. Londrina: Folha de Londrina. Disponível em: <www.folhadelondrina.com.br/saude/cardiopatia-congenita-35-dos-recem-nascidos-morrem-845065.html>. Acesso em 03 set 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dados do Censo Escolar indicam aumento de matrícula de alunos com deficiência**. Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2015/03/dados-do-censo->>. Acesso em: 23 de jul 2020.

CHAVES, Garcia Moreno Vieira. **Síndrome de Down, Um Problema Maravilhoso**. 3 ed. Brasília: Editora Gráfica, 2003.

CRUZ, Catarina Maria Souza. **Síndrome de Down, História e Inclusão**. Itabira MG. Editora Quarup, 2007.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

LIMA, Ana Cristina Dias Rocha. **Síndrome de Down e as práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.

MOVIMENTO DOWN. **Estimulação Precoce**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/desenvolvimento/estimulacao-precoce/>>. Acesso em: 23 de jul 2020.

MOVIMENTO DOWN. **Estatísticas**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2012/12/estatisticas/>>. Acesso em 30 de jun de 2020.

MOVIMENTO DOWN. **Inclusão leva à universidade. E além**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2014/01/inclusao-leva-a-universidade-e-alem-2/>>. Acesso em 10 de Ago 2020.

OLIVEIRA, Gisele; GOMES, Meire. **História da Síndrome de Down**. Rio Grande do Norte: Espaço Down, 2008. Disponível em: <<https://espacodown.wordpress.com/historia-da-sindrome-de-down/>>. Acesso em 10 jun 2020.

SANTAMARIA, A.S, et al. **Síndrome de Down - De A à Z**. Campinas, SP. Editora Saberes, 2011.

SILVA, Ivana. **Síndrome de Down**. Fiocruz. Rio de Janeiro, 200? . Disponível em <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/topo.htm>> . Acesso em 10 agost 2020.

VOIVODIC, Maria Antonieta M.A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 5ª ed. Petrópolis RJ. Editora Vozes,2008.